



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO
SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA
DEPARTAMENTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO

SELO DE VALOR CULTURAL DA CIDADE DE SÃO PAULO

Ficha de identificação

Nome do estabelecimento: Galeria Luísa Strina

Razão Social do estabelecimento: Galeria de Arte Luisa Strina Ltda.

Endereço: Rua Padre João Manuel, 974 – Vila Cerqueira César

Telefone: (11) 3088-2471

Página na internet: <http://www.luisastrina.com.br/>

Data de constituição: 26 fev. 1976³⁰

Início de atividade: 07 out. 1986³¹

Horário de funcionamento: Segunda a sexta: 10h-18h / Sábado: 11h-15h

Data de inauguração: 1974

Proprietários/sócios: Graziela Strina de Toledo Arruda; Luisa Malzoni Strina.

Ramo de atividade: Comércio Varejista de Móveis, Objetos de Arte, de Decoração e de Antiguidades; Decoração de Ambientes - Consultoria Técnica e Projetos Exclusivo-Comércio de Artigos de Decoração; Atividades Específicas da Construção; Serviços Prestados a Empresas, Entidades e a Pessoas Não Especificados ou Não Classificados ³²

Setor/Quadra/Lote: 014.014.0599-1

Ocupa imóvel tombado? Não

Conserva instalações/ambiência de época? Não

É referência local/ bairro? Sim

É referência na cidade? Sim

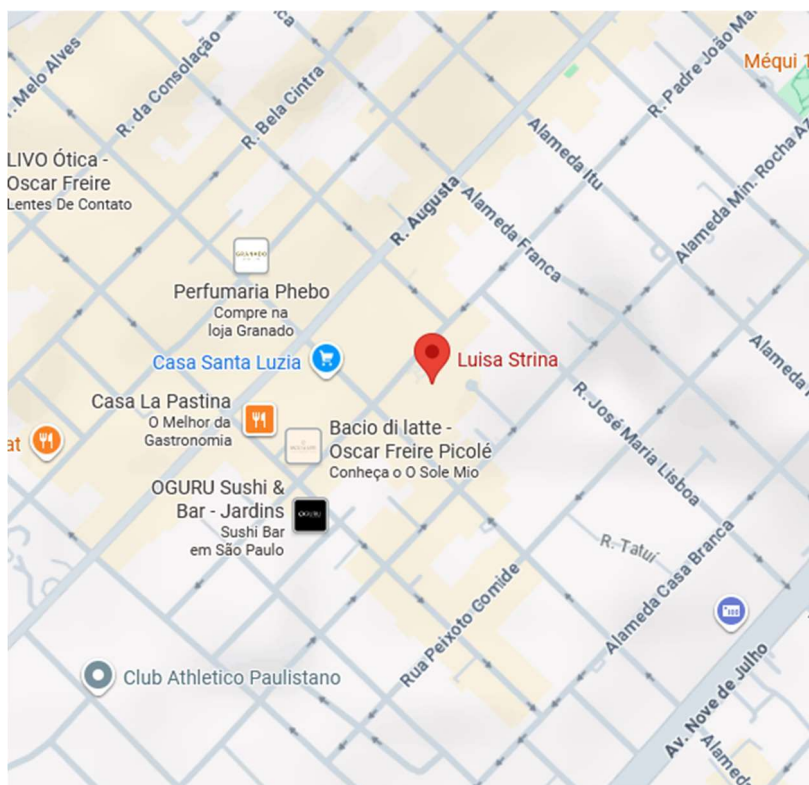
³⁰ Cf.: Junta Comercial do Estado de São Paulo. Disponível em: <https://www.jucesonline.sp.gov.br/VisualizaTicket.aspx?sc=UN8hF7dSlnSSJIE1%2fLbyPmyPxDsf03%2b3MMhhSls5LWpPb4aJ%2bNtqFdzBwN%2fff3x>. Acesso em: 11 fev. 2026.

³¹ Idem.

³² Ibidem.



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO
SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA
DEPARTAMENTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO



Localização do estabelecimento Galeria Luisa Strina. Fonte: Google Maps. Acesso em: 11 fev. 2026.



Fachada do estabelecimento Galeria Luisa Strina. Disponível em:

https://www.google.com/maps/place/Luisa+Strina/@-23.564202,-46.6643332,15z/data=!4m1!1m8!3m7!1s0x94ce59d6b8810a61:0x22c2ca5baf48c6aa!2sLuisa+Strina!8m2!3d-23.564323!4d-46.6642286!10e5!16s%2Fg%2F1td2w0d7!3m5!1s0x94ce59d6b8810a61:0x22c2ca5baf48c6aa!8m2!3d-23.564323!4d-46.6642286!16s%2Fg%2F1td2w0d7!5m1!1e4?entry=ttu&g_ep=EgoyMDI2MDIwOC4wIKXMDSoASA FQAw%3D%3D. Acesso em: 11 fev. 2026.



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO
SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA
DEPARTAMENTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO

Dados históricos:

Em sua origem, por volta do século XVIII, a região atualmente ocupada pelo Jardim Paulista era permeada por sítios e chácaras, onde se cultivavam tabaco, chá e uvas. Foi só no final do século seguinte, após a inauguração da Avenida Paulista (1891), que parte da região foi loteada, pelas famílias Paim e Nunes.

Já nos anos 1910, a Companhia Edificadora da Villa América, formada pelos proprietários de terras da região, foi responsável pelo arruamento e pelas vendas de lotes³³. Esse empreendimento visou a abertura de vias largas e arborizadas, em linhas retas e perpendiculares. De modo que a ocupação ocorre por meio das alamedas transversais e paralelas à Avenida Paulista, que homenageiam municípios do interior do estado de São Paulo.

Durante a primeira metade do século XX, a urbanização do bairro contou com um caráter mais residencial, tomado por casarões dos pequenos industriais e grandes comerciantes. No entanto, a partir de sua segunda metade, devido à proximidade com a Avenida Paulista, o Jardim Paulista passa pelo processo de verticalização, que acompanha o crescimento comercial da região. Por outro lado, nessa mesma época, se inicia uma nova etapa de ocupação, marcada pela construção de edifícios residenciais em condomínios. De forma que mais da metade dos condomínios que ocupam o bairro foram construídos no decorrer da década de 1970.

Localizada na Rua Padre João Manuel, a Galeria Luisa Strina está instalada em uma sala comercial do Edifício Martin Francisco Andrada e Silva, e foi inaugurada no mesmo ano em que o condomínio foi construído, em 1976. Todavia, seu primeiro endereço funcionou a poucas quadras dali, na esquina da Rua Oscar Freire com a Rua Padre João Manuel. No cenário cultural da capital paulista, a década de 1970 presenciou o surgimento das galerias de arte. Dessa forma, Luisa Strina adentra esse mercado em 1973, ao trazer, para a venda no Brasil, obras de pop art estadunidense, de Roy Lichtenstein e Andy Warhol, dando início a sua carreira como *marchand*.

³³Cf.: Itaú Cultural. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/imoveis/ci23089812.htm>. Acesso em 18 fev. 2026.



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO
SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA
DEPARTAMENTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO



Luisa Strina na fachada da galeria. Fonte: Luisa Strina 50, p. 46. Acesso em: 20 fev. 2026.

A pedido de Luiz Paulo Baravelli, artista e professor da Escola Brasil, em 1974, Strina abre uma galeria em seu nome, algo inovador em terras brasileiras, e passa a exhibir as obras de professores e alunos dessa mesma escola. No ano seguinte, ocorre a primeira exposição no espaço, com trabalhos de Baravelli, José Resende, Nelson Leirner, Rubens Gerchman, Santuza Andrade e Wesley Duke Lee³⁴.

Assim, a galeria se torna uma porta de abertura do mundo da arte contemporânea para os artistas daquela geração, alguns recém-chegados. Como é o caso do artista pernambucano Tunga, expositor no espaço em 1976, com um trabalho tridimensional que representou “relações químicas e físicas entre as matérias que utiliza – cera, chumbo, óleo, feltro, mel...” (*O Estado de São Paulo*, ed. de 27 de abril de 1976, p. 18).

Nesse momento, é notável a presença de obras vinculadas ao movimento de arte conceitual, uma vertente que ressalta a relevância do conceito que dá origem ao trabalho artístico ao invés da execução e produto desse processo, que se consolida como uma das características de destaque da galeria, por meio de diversos artistas. Dentre os quais se pode citar: Artur Barrio, Baravelli, Carlos Fajardo, Cildo Meirelles, José Resende, Mira Schendel, Tunga e Waltércio Caldas, nomes já conhecidos dos frequentadores do local.

³⁴ Cf.: Itaú Cultural. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoas/8395-luisa-strina>. Acesso em 18 fev. 2026.



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO
SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA
DEPARTAMENTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO

Artes plásticas

Carlos Fajardo abre hoje as 21 horas uma exposição individual de pinturas na Galeria Luisa Strina (Rua Padre João Manoel, 974).

A exposição conta com 12 pinturas de grandes dimensões, datadas de janeiro de 77 a junho de 1978, acrílico sobre tela, que mostram em geral figuras humanas em tamanho real, associadas a construções, que sugerem os espaços da cidade.

As telas de Carlos Fajardo variam de Cr\$ 30.000 a Cr\$ 50.000, e a exposição fica aberta ao público até 19 de setembro.

DISCOS



Matéria sobre a exposição de Carlos Fajardo: concepções sobre figuras humanas associadas a construções. Diário da Noite (SP), ed. 16182, p.18. Disponível em:

<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=093351&pasta=ano%20197&pesq=%22strina%22&pagfis=75294>. Acesso em: 13 fev. 2026.

DA ANTIARTE AO ANTIOBJETO
A individual de WALTERCIO CALDAS JR., que foi realizada na Galeria Luisa Strina, São Paulo, fugiu da perspectiva de uma convencional mostra de arte. Existiu uma conotação bem reflexiva no título do evento: Aparelhos, o que na realidade adapta certos produtos de uso corrente a uma função questionadora de sua própria existência exclusivamente como utilidade. Há um elemento de interligação nos aparelhos, que desmistificam a imobilidade da programação de um computador, por exemplo. Do nome Mondrian, que apareceu num painel, percebeu-se um envolvimento diverso: descaracteriza-se o mito, codifica-se um sentido, um significado, realça-se um objeto, um espaço de tempo o próprio vazio.

No Aparelho de Arte, um tripé de ferro pintado prendia-se a um suporte contendo vidros de diversos tamanhos, como a transmitir nas transparências, o resultado de uma divisão de imagens e reflexos, um captador de interpretações e reações.

Em Raios X, papel carbono e espelho, observou-se um enfoque mais agudo no questionamento pragmático da máquina ou do objeto trouve. A análise de cada peça não compromete a iniciativa do artista em abordar valores de função. Cabe ao público se espelhar nos relacionamentos intrínsecos a que estamos sujeitos com os aparelhos de um modo geral. Uma linha de pensamento, que, não sendo filosófica na sua estruturação, divaga e questiona, não se aparelhando em nenhuma tendência artística. Existe um desvinculamento do objeto artístico como envolto numa aprência estética de equilíbrio e beleza ou fealdade, num sentido virtuosístico. A função principal é reativar, haver uma possibilidade de o observador criar conceitos próprios do paralelismo entre arte-tecnologia-tempo-espaço-nada absoluto.

Da Antiarte ao Antiobjeto: notícia sobre a exposição de Waltercio Caldas Jr.. A Tribuna (SP), ed. 00063, p. 18. Disponível em:



https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=153931_05&pesq=%22waltercio%22&pasta=ano%20197&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=39594. Acesso em 13 fev. 2026.



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO
SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA
DEPARTAMENTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO

VISUAIS

A OBRA DE MIRA, BUSCANDO A INDIVIDUAÇÃO

<p>Não foram poucos os que tentaram definir a obra da artista plástica suíça (radicada no Brasil desde 1949) Mira Schendel e, invariavelmente, quase todas as tentativas de decodificação de sua linguagem pictórica foram reducionistas, em certa medida. Esta discussão, em que Mira fez mais perguntas do que forneceu respostas, não pretende cumprir uma tarefa quase impossível de oferecer ao público um rígido sistema de análise de uma obra caracterizada pela investigação permanente dos signos e dos processos de individualização. Trata-se, tão-somente, de uma exploração informal na superfície de sua instigante obra, de fases marcadamente tão distintas de alguns críticos — como Aracy Amaral e Vilém Flusser, por exemplo — admitiram publicamente serem incapazes de traduzi-las.</p>		<p>taria que ele representasse um ponto de individualização caótico — é claro que estou me referindo ao processo de "individualizar-se", mas não no sentido junguiano — que ele sirva a propósitos de não-transparência" — (o quadro não seria como uma "janela do mundo", como pretendia Durer, mas um pretexto para refletido sobre a necessidade de se ordenar o caos). Tem portanto, de perturbador, algo de mítico, no sentido de condicionar a obra a elementos fenomenológicos.</p>	<p>Originalmente, essa era a fase embrionária de sua mais recente exposição (na Galeria Luísa Strina). Ainda conserva uma estreita relação com a Harmonia, de Hans Kayser, elegendo a numerologia como uma das possíveis manifestações de sua arte vital, agora dedicada à exploração dos processos de individualização. Se o caminho escolhido é o do monocromatismo (não excludente, porque o espectro está representando, de algum modo) isso se dá porque, com cores, o espaço da tela torna-se apenas topográfico.</p>
<p>Nada de condenável nisso. Ao contrário da intrínseca defesa feita por alguns pesquisadores, de que a história da ciência e o material mais adequado para o estudo da fenomenologia (cujo objetivo primário é a investigação e descrição do fenômeno) — nunca esquecendo que a pintura de Mira Schendel é incentivada pela "nova" fenomenologia — ela se mostra impotente diante do grande enigma presente nas aparentemente simples telas da artista, qual seja a violação da divina proporção, a contestação, através da corporeidade, do mito da impossibilidade da perfeição, atributo exclusivo do Criador.</p>	<p>Mira Schendel: na sua pintura...</p>	<p>Para chegar a essa síntese, a artista, em exposições anteriores (na Galeria Cosme Velho, por exemplo, em 1980) explorava a espessura e a textura de papéis importados do Japão, recorrendo a cores contrastantes que iam do mais puro branco (o singular branco das telas de Mira) ao preto, passando por tons suaves de amarelo. Na época, já utilizava o ouro (de 24 quilates) há mais de cinco anos, em modo a um adágio de signos, que variavam de letras do alfabeto a hieróglifos sobre estruturas geométricas. Mais tarde viriam desenhos (feitos a nanquim), que representavam o trabalho mental, racional, analógico, de alto teor conceitual.</p>	<p>Em outras palavras, a obra de Mira Schendel não impõe. Anos e anos de pesquisas resultaram não numa doutrina pictórica ética, mas na constatação de que, como disse um pensador zen, "minhas palavras são minhas, e não suas, e não pertencem a você. Tudo deve vir de sua própria existência." O que há em sua arte é a presença de uma nova fenomenologia, um êxtase cósmico (eventualmente divina, para nós), que deixa de ser prerrogativa divina para se tornar acessível aos seres sensíveis que são capazes de apreender a estética ordenadora da capacidade criadora da obra de Mira.</p>
<p>No caso de Schendel, ela escolheu o método pictórico como processo de concretização de um ordenamento cosmológico. Em filosofia teria esse "todo" que sustentava como condição preliminar de existência uma investigação não ser humano não apoiada em conceitos teóricos sofisticados, mas a partir de uma situação básica e que diga respeito a todos os homens. Pode parecer complexo, mas qualquer simplificação seria, na verdade, redução, como diria Antônio Dias, outro grande pintor. Vamos ver se esplico melhor: de acordo com a filosofia Zen, equivaleria à tentativa de se chegar a uma unidade absoluta de prajia (a sebedria transcendental), do karana (amor) e samādhi (a conceluação do pensamento).</p>	<p>são e representação do cosmos. "De alguma maneira — ela intervém — o geometrismo sempre esteve presente em meus trabalhos, antes de uma possível sistematização filosófica." Ou seja, como diria Mondrian, a arte permitiria ao homem, como "meio intuitivo", representar "as características fundamentais do cosmos".</p>	<p>Apenas um parêntese: no caso de Mira Schendel, o geometrismo, antes também mandálico, incorporou outros elementos além da dialética da popularidade ou da mutação (que, de certa forma, anulam a individualização, como reconhece, agora, a própria artista). O mais viável, a partir de sua última exposição, este ano, na Galeria Luísa Strina, é a superfície monocromática com ouro — superfície quase indiferenciada, que traduz um momento singular de impermeabilidade não submissa à própria matéria ("a tela"), como observa o jornalista Rodrigo Nunes.</p>	
<p>Dito isto, comecemos o processo de recriação da genealogia pictórica schendeliana. Quando chegou ao Brasil, em 1949, com 30 anos de idade, Mira expôs, pela primeira vez, no Sul do País. Obteve o primeiro prêmio com obras ainda figurativas, mas enveredaria, mais tarde, por trilhas abstracionistas, elegendo o geometrismo como força de expres-</p>	<p>"O ouro" — explica Mira — "neste caso, está fora de certa tradição da pintura (ou seja, nada tem a ver com o simbolismo hierarquizado da Idade Média, época em que os artistas utilizavam o nobre metal para reforçar o estatuto da bobreza, divina ou não)". "Gos-</p>	<p>... poucas cores e ainda o ouro</p>	

Na seção de Artes Visuais do jornal Cidade de Santos, matéria sobre as obras de Mira Schendel e exposição na Galeria Luísa Strina. Cidade de Santos, ed. 05930, p.15. Disponível em:

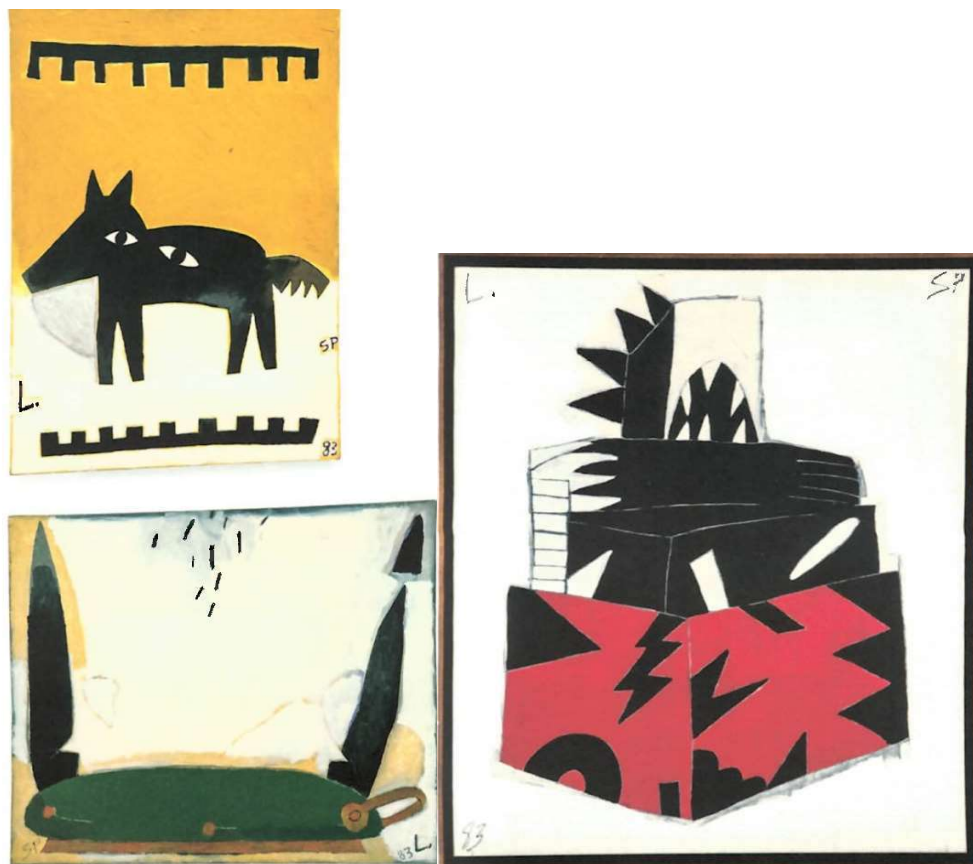
<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=896179&pesq=%22waltercio%22&pasta=an%20197&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=91157>. Acesso em: 13 fev. 2026.

Na década de 1980, outra vertente artística entra para a programação da galeria, em contraposição a arte conceitual e seus trabalhos mais sóbrios: a Geração 80 propõe uma retomada da pintura subjetiva na produção das obras de arte e se estabelece nesse meio com a exposição *Como vai você, Geração 80?*³⁵, em 1984, no Rio de Janeiro. Nomes como Leda Catunda, Sérgio Romagnolo e Leonilson integram esse movimento e fazem parte do catálogo da galeria.

³⁵ Exposição realizada na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, no Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/eventos/124899-como-vai-voce-geracao-80>. Acesso em: 20 fev. 2026.



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO
SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA
DEPARTAMENTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO



Exposição "Desenhos Pinturas" (1983) de Leonilson, realizada na Galeria Luisa Strina. Fonte: Luisa Strina 50, ps. 118 e 119. Acesso em: 20 fev. 2026.

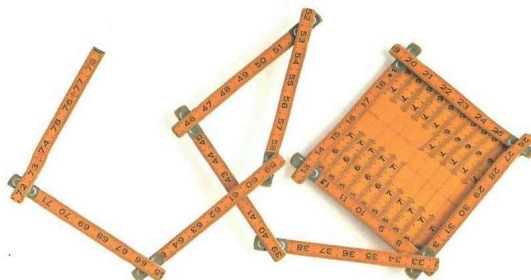
No período final daquela mesma década, a aproximação da galerista com um empresário alemão, reconhecido por sua trajetória como colecionador e fundador de museus, seria responsável pela internacionalização de seu trabalho nos anos 1990. A figura em questão é Peter Ludwig, que influencia Luisa Strina a participar da Art Cologne, a feira de arte mais antiga do mundo no ramo da arte contemporânea. Com o reconhecimento de sua exposição em terras alemãs, a galerista brasileira recebe um convite de Trudi Bruckner, diretora da Art Basel, para participar da feira de arte suíça. E assim, dois anos depois de debutar no mercado internacional, em 1992 Strina se consagra com a primeira galeria latino-americana a participar da Feira de Arte de Basel³⁶.

Ademais, a promoção da arte brasileira em outros países não para por aí e, alguns anos depois de suas experiências na Europa, a influência da galeria toma grandes proporções, quando metade do espaço ocupado por artistas brasileiros nas galerias de arte de Nova York corresponde aos seus expositores. Dos quais entram em destaque: Adriana Varejão, Cildo Meireles, Fernanda Gomes Tunga, Regina Silveira e Sandra Tucci.

³⁶ Cf. Art Basel. Disponível em: <https://www.artbasel.com/catalog/gallery/1126/Luisa-Strina>. Acesso em: 20 fev. 2026.



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO
SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA
DEPARTAMENTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO



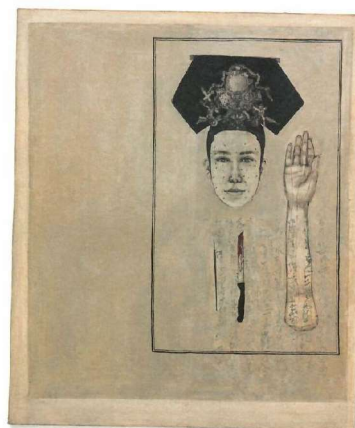
Fragmento da exposição de Cildo Meireles “Metros I (1992)”. Fonte: Luisa Strina 50, p. 154.
Acesso em: 20 fev. 2026.



Exposições de Tunga, respectivamente, “Exposição individual (1994)” e “Lúcido Nigredu (1999)”. Fonte: Luisa Strina 50, ps. 160 e 174. Acesso em: 20 fev. 2026.



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO
SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA
DEPARTAMENTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO

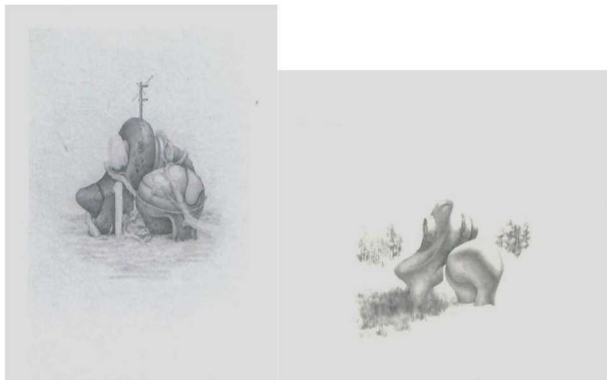


Fragmentos da exposição “Terra Incógnita (1992)” de Adriana Varejão. Fonte: Luisa Strina 50, ps. 158 e 159. Acesso em: 20 fev. 2026.

Deste século para cá, o público entre os expositores cresce ligeiramente entre os artistas latino-americanos, vindos de países como Argentina, México, Cuba e Colômbia. Este movimento decorre do processo de ascensão da arte do eixo sul-americano no circuito internacional, semeado na década passada com a participação em feiras estrangeiras. As obras brasileiras, por exemplo, recebem valores de mercado jamais vistos. Alguns nomes como Adrián Villar Rojas, Carlos Garaicoa, Mateo López e Pablo Accinelli se tornam recorrentes no catálogo da galeria.



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO
SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA
DEPARTAMENTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO



Fragments da exposição “A Moral dos Imortais (2011)” de Adrián Villas Rojas. Fonte: Luisa Strina 50, ps. 268 e 269. Acesso em: 23 fev. 2026.



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO
SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA
DEPARTAMENTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO



“Maio (2011)”, de Mateo López. Fonte: Luisa Strina 50, ps. 268 e 269. Acesso em: 23 fev. 2026.

Mais do que essa transição simbólica, em 2010 a galeria passa por uma mudança física e ganha um novo endereço, em um espaço térreo de um edifício comercial na Rua Padre João Manuel. Para celebrar tal feito, uma grande exposição é realizada nas sedes nova e antiga: “Primeira e Última, notas sobre o monumento” de Rodrigo Moura, abarcou uma perspectiva temporal sobre a trajetória da galeria e seu futuro, enquanto homenageia sua história.

Atualmente, como produto do cenário mundial, as expografias da última década refletem sobre eventos marcantes desse período, das disputas do meio político a nível nacional e internacional, da pandemia que confinou e revelou um novo olhar sobre as relações humanas e dos movimentos sociais de raça e gênero. Em 2024, a galeria completou 50 anos de existência e para comemorar os diversos momentos de sua história, foi elaborado um livro sobre sua trajetória alinhado ao trabalho primoroso de Luisa Strina como galerista e colecionadora. O exemplar é rico em detalhes sobre as fases da galeria, suas exposições e as influências do contexto político-histórico ao longo das décadas sobre a arte contemporânea no Brasil.



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO
SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA
DEPARTAMENTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO



Proprietária e fundadora da galeria, Luisa Malzoni Strina. Disponível em:
<https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoas/8395-luisa-strina>. Acesso em: 18 fev. 2026.

Sobre instalações, ambiente interno e inserção urbana:

Desde 2010, a Galeria Luisa Strina está localizada no térreo de um edifício comercial na rua Padre João Manuel (Figs. 20 e 21), a quase 300 metros do endereço original, na esquina das ruas Padre João Manuel e Oscar Freire. Nas ruas próximas à galeria, há outros estabelecimentos do mesmo tipo, como a Galeria de Arte Brasileira.



Figs. 20 e 21: Fachada da Galeria Luisa Strina e do edifício na qual ela está localizada. Fonte: Luciana Mello, 20 fev. 2026.

Na fachada envidraçada da galeria, está posto o logo “STRINA” e informações sobre a programação vigente, com nome dos artistas e das exposições, e dias e horários de funcionamento (Fig. 22). Ao entrar, há uma recepção, na qual uma funcionária da galeria recebe e orienta os visitantes. Além disso, livros relacionados com o campo das



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO
SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA
DEPARTAMENTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO

artes plásticas, os artistas expostos pela galeria e o histórico da instituição estão à venda (Fig. 23).



Fig. 22: Informações expostas na fachada da Galeria. Fig. 23: Recepção da Galeria. Fonte: Luciana Mello, 20 fev. 2026.

Logo após a recepção, há uma ampla sala de exposições, identificada como “Sala 1” (Fig. 24). O outro espaço expositivo, “Sala 2” (Fig. 25), é consideravelmente menor e pode ser acessado diretamente pelo exterior ou pelo interior da galeria, atravessando a área administrativa.



Fig. 24: Sala 1. Fig. 25: Sala 2. Fonte: Luciana Mello, 20 fev. 2026.

Ao final da “Sala 1”, no lado esquerdo, há um corredor onde estão localizados os sanitários e é possível acessar as áreas administrativas (Fig. 26). Há uma sala com uma mesa longa, onde se sentam os funcionários, e, em seguida, uma sala que aloca a mesa da proprietária da galeria, Luisa Strina. Nesse mesmo espaço, fica parte do acervo da galeria e, ao final, a “Sala 2” (Fig. 27).



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO
SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA
DEPARTAMENTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO

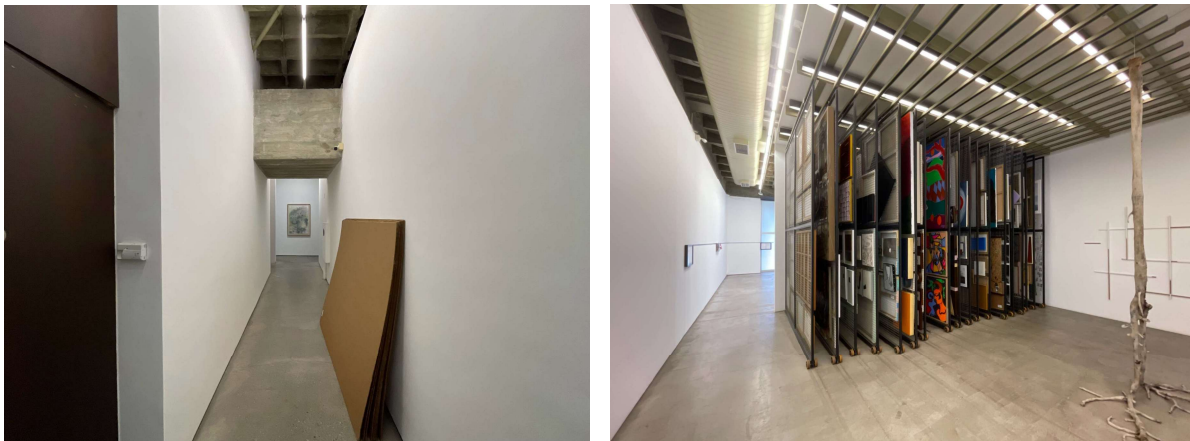


Fig. 26: Corredor interno. Fig. 27: Acervo. Fonte: Luciana Mello, 20 fev. 2026.

Segundo Luisa Strina, há também outro espaço de armazenamento do acervo da galeria, com área de aproximadamente 1000m², fora da cidade de São Paulo.

Referências:

ART BASEL (Suíça). Luisa Strina: são paulo. s/d. Disponível em: <https://www.artbasel.com/catalog/gallery/1126/Luisa-Strina>. Acesso em: 20 fev. 2026.

ASSOCIAÇÃO DOS FUNCIONÁRIOS PÚBLICOS DO ESTADO DE SÃO PAULO (São Paulo). Coordenadoria de Educação e Cultura. **Jardim Paulista e suas nobres alamedas**: passeie pela história das ruas próximas à mais paulista de todas as avenidas. 2025. Disponível em: <https://www.afpesp.org.br/folha-do-servidor/cultura/jardim-paulista-e-suas-nobres-alamedas>. Acesso em: 18 fev. 2026.

BASUALDO, Carlos; ARRUDA, Fernanda; GONZÁLEZ, Julieta; MAZZUCHELLI, Kiki; STRINA, Luisa; GONÇALVES, Marcos Augusto; SUZUKI JUNIOR, Mathias Tupinambá; BASCIANO, Oliver; MOURA, Rodrigo. **Luisa Strina 50**. São Paulo: Act. Editora, 2024. 400 p.

COMO Vai Você, Geração 80?. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2026. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/eventos/124899-como-vai-voce-geracao-80>. Acesso em: 20 fev. 2026. Verbetes da Enciclopédia.

GARCIA, Cynthia. **Intentionally Small Plans**: luisa strina discusses the first-ever semana de arte (art week). 2017. Disponível em:



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO
SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA
DEPARTAMENTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO

<https://www.newcitybrazil.com/2017/08/14/intentionally-small-plans-luisa-strina-discusses-the-first-ever-semana-de-arte-art-week/>. Acesso em: 20 fev. 2026.

LUISA Strina. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: **Itaú Cultural**, 2026. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoas/8395-luisa-strina>. Acesso em: 18 de fevereiro de 2026. Verbetes da Enciclopédia.

SÃO PAULO. Junta Comercial do Estado de São Paulo. Secretaria de Desenvolvimento Econômico. **JUCESP**. Disponível em: <https://www.jucesponline.sp.gov.br/> Acesso em: 11 fev. 2026.

SP Bairros: **Jardim Paulista**. s/d. Disponível em: <https://www.spbairros.com.br/jardim-paulista/>. Acesso em: 18 fev. 2026.

SP CORPORATE (São Paulo). Sp Corporate. **Martin Francisco Andrada e Silva**: sobre o Martin Francisco Andrada e Silva. s/d. Disponível em: <https://spcorporate.com.br/imoveis/martin-francisco-andrada-e-silva> Acesso em: 18 fev. 2026.

Elaborado por: Maria Laura Barbosa e Siqueira, estagiária em Ciências Sociais, e Luciana de Mello Miranda, estagiária em Arquitetura e Urbanismo, em fev. de 2026.

Revisado por: Marcelo Leite, Arquiteto e Urbanista, em fev. 2026.

Núcleo de Identificação e Tombamento

Divisão de Preservação do Patrimônio/DPH